

## PERCURSOS DE LEGITIMAÇÃO: AS FACES DA CRÍTICA EM O ALIENISTA

Ana Ferreira Silva<sup>1</sup> (PUC/SP)

### Resumo:

*Este trabalho, parte da minha dissertação de mestrado, terá por objeto a recepção crítica de O Alienista, no período circunscrito entre 1882 e 1989. Nosso estudo direciona-se para os diferentes métodos interpretativos que marcaram as vertentes da crítica literária no período proposto, a fim de sinalizar as transformações ocorridas. Essa criação artística, publicada inicialmente em 1881, no jornal A Estação, provocou reações da crítica vigente, diante das mudanças radicais operadas por Machado na forma de narrar. A partir da inconsistência de suas avaliações, esses críticos tiveram que refletir sobre os seus métodos interpretativos, uma vez que não davam conta de discorrer sobre as artimanhas narrativas do escritor fluminense. Nesse contexto, assistimos as primeiras tentativas de transformação da crítica literária brasileira, a partir do próprio Machado de Assis, que nos deixou alguns ensaios de notável lucidez, como é o caso de “Notícia da atual literatura brasileira”, de 1873. Ao compreender o destino reservado para a crítica literária, os apontamentos de Machado de Assis são precursores de uma nova reflexão sobre a crítica como método interpretativo que deve ter por base a obra literária e não as idiossincrasias do crítico.*

**Palavras-chave:** Machado de Assis; O Alienista; crítica literária, fortuna crítica.

### Introdução

No contexto histórico do final do século XIX, respaldada pelos rodapés dos jornais, pelas cátedras universitárias e revistas, a crítica repudiava os poetas insultuosos que assolavam as tradições da língua e da poesia. Criava-se um “hiato” entre a produção literária e a “prática do crítico.” (LIMA, 1981, p.202) A crítica machadiana desse período, apresenta marcas de uma visão historiográfica, cultivada por críticos como Sílvio Romero e Araripe Júnior.

A vertente de críticos e historiadores literários, para os quais o essencial era a ênfase na busca dos valores da tradição e da história, foi outra consequência do espírito positivista e naturalista, centrado na explicação genética. A este respeito, Afrânio Coutinho afirma que a crítica literária tornou-se indistinta da história literária, “esta mesma uma dependência da história geral, dividida, como ela, em períodos correspondentes aos da história política.” (COUTINHO, 1974, p.4) A esse historicismo, observa Coutinho, desencadeou a preocupação excessiva em se estabelecer relações entre literatura e os fatos históricos, reduzindo a tarefa do crítico em eruditismo de teor científico e historiográfico. Essa forma de positivismo, “que não se confunde com o positivismo filosófico do Comte” (COUTINHO, 1969, cap. XV) influenciou diversos estudiosos do fenômeno literário.

Sílvio Romero, observa Antonio Candido (1988), foi o primeiro grande crítico e fundador da crítica no Brasil. Ele permanece como marco, se quisermos compreender a formação do espírito crítico brasileiro. Protagonista do movimento do Recife — um dos focos do grande movimento renovador da mentalidade brasileira na segunda metade do século XIX — representou o aspecto literário dum processo cultural em que se destacaram homens como Tobias Barreto, Batista



Caetano, Barbosa Rodrigues, Miguel de Lemos etc. A sua obra participa do esforço de revisão ideológica de que brotou o pensamento moderno nacional.

A crítica praticada por Silvio Romero (1992:2001) inscreve-se entre o período que coincide com a crítica de rodapé, ou seja, uma crítica embasada em aspectos impressionistas e biográficos. Voz expressiva da crítica literária brasileira do século XIX, a crítica romeriana, fundamentada no pensamento cientificista da época é precursora da crítica sociológica, como cânone dos estudos literários, e não via com bons olhos a produção machadiana.

Se por um lado, Romero não atribuiu a Machado de Assis o seu devido reconhecimento ao omitir o seu nome da antologia *História da literatura brasileira* (2001), por outro, a reação em linhas gerais, entusiástica a *Quincas Borbas* serviria de estímulo e daria munição para o crítico produzir seu ataque final a Machado, não mais por meio de artigos na imprensa, mas na forma de um livro, *Machado de Assis: estudo comparativo de Literatura Brasileira* (1992). Nesse estudo, Silvio Romero apresenta um Machado que não entendia as ideologias do século XIX. O crítico também chamou a atenção para o tom estrangeirado do escritor, que ao seu ver era um “macaqueador de Sterne”. O trecho abaixo comprova a visão negativa e preconceituosa de Romero:

O estilo de Machado de Assis, sem ter grande originalidade, sem ser notado por um forte cunho pessoal, é a fotografia exata do seu espírito, de sua índole psicológica indecisa. (...) Vê-se que ele apalpa e tropeça, que sofre de uma perturbação qualquer nos órgãos da palavra. Sente-se o esforço, a luta. Ele gagueja no estilo, na palavra escrita, como fazem outros na palavra falada, disse-me uma vez não sei que desabusado num momento de expansão, sem reparar talvez que dava-me destarte uma verdadeira e admirável notação crítica. De fato, Machado de Assis repisa, repete, torce, retorce, tanto suas idéias e as palavras que as vestem, que deixa-nos a impressão dum perpétuo tar-tamudear. (ROMERO, 1992, p. 182)

De um lado, a combinação desses dois juízos – a gagueira narrativa, agravada pela imitação de traços de outros meios e raças – abriu caminho para o real objetivo de Romero, deslocar Machado de Assis do centro canônico da literatura brasileira. Mas, de outro, esse fato serviu de mola propulsora para inúmeros estudos que se seguiram na linha comparatista entre a ficção machadiana com as principais fontes das quais bebera o autor de *O Alienista*. Desses autores, ousadas são as considerações de Augusto Meyer por apresentar idéias inovadoras como a aproximação de Machado de Assis ao homem subterrâneo de Dostoievski, em seu livro intitulado *Machado de Assis* (1935).

Em *O ruído das festas e a fecundidade dos erros: como e por que reler Silvio Romero*, (2004), João César de Castro Rocha destaca, que se o crítico “naufragou em sua análise, ... pelo menos vislumbrou terra”. Ao reler a crítica romeriana, afirma Castro Rocha, descobrimos que ele foi o crítico oitocentista que mais próximo esteve de compreender os traços singulares da escritura de Machado: a veia humorística permeada de ceticismo; as influências; o aspecto técnico de sua ficção: ponto de vista, personagens, enredo, linguagem, a inscrição do leitor no texto entre outros.

### **Machado de Assis: crítico literário**

O amadurecimento pela reflexão, o qual foi o fundamento de sua obra ficcional, serviu de critério na sua produção crítica. Assim, Machado nos legou importantes textos sobre o que pensava a respeito da situação da literatura brasileira e sobre o exercício da crítica, praticado no século XIX. Sua produção envolve ensaios teóricos como *O Passado, o Presente e o Futuro da Literatura*<sup>2</sup> (1858), *O Ideal do Crítico* (1865), *Notícia da atual Literatura Brasileira – Instinto de Nacionalidade* (1873), diversas resenhas críticas, como aquela para o livro *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós (1878), além de inúmeras críticas de teatro.



Uma de suas inquietações centrava-se na questão da identidade nacional, preocupação expressa claramente no ensaio de 09 de abril, de 1858, *O Passado, o Presente...*. A propósito deste ensaio, Lúcia Miguel declarou:

É realmente notável sob muitos aspectos esse trabalho de um jovem de 19 anos que encarava a literatura como um meio de fixação da nacionalidade, reclamando contra a escravização aos cânones portugueses, condenando o indianismo porque ‘a poesia indígena, bárbara, a poesia do boré e do tupã não é poesia nacional. (1988, p.62)

Quando em 1858, Machado afirmou: “se uma parte do povo está ainda aferrada às antigas idéias, cumpre ao talento educá-la, chama-la à esfera das idéias novas, das reformas, dos princípios dominantes”, na verdade, ele decretava a tarefa que iria executar em boa parte de sua produção ficcional: educar o gosto do leitor. Nesse ensaio, a compreensão do destino que aponta para a literatura, é o início de pensamentos e atitudes futuras.

Sete anos mais tarde, Machado dedica atenção exclusiva ao papel da crítica literária brasileira. *O Ideal do Critico*, texto de 1865, é uma espécie de compêndio, em que o romancista inicia uma crítica diferente daquela então praticada na época, em que se privilegiavam aspectos individuais dos autores. Dessa forma, podemos compreender suas observações como pertencentes à crítica militante de natureza orientadora e imparcial. Para ele, a crítica era indispensável à formação do leitor, além de servir como orientação de escritores em geral. Era necessário, portanto, “que a crítica se impusesse para o justo reconhecimento dos valores, ou do talento e da capacidade criadora de cada um”. (CASTELLO, 1969, p.27)

Já naquela época, refletindo sobre uma das características cruciais para se exercer o bom julgamento de uma obra, Machado comparava a responsabilidade do exercício crítico com a tarefa do legislador, no que tange ao estabelecimento de regras no campo das artes. A alusão reclama a necessidade de paradigmas críticos, diante dos falsos ou superficiais julgamentos praticados com relação à literatura brasileira. Tais julgamentos estavam infiltrados do elogio fácil, retribuído, à crítica polêmica, frequentemente impregnados da linguagem retórica. É o próprio Machado quem diz

O crítico atualmente aceito não prima pela ciência literária... longe de resumir em duas linhas, — cujas frases já o tipógrafo as tem feitas, — o julgamento de uma obra, cumpre-lhe meditar profundamente sobre ela, procurar-lhe o sentido íntimo, aplicar-lhe as leis poéticas, ver enfim, até que ponto a imaginação e a verdade conferenciam para aquela produção (1979, Obra Completa – OC, III, p. 798)

Cabe assim, a Machado de Assis a preocupação inicial com a atividade crítica, capaz de apreciar as obras literárias com imparcialidade, livre de intolerâncias. A crítica que de fato orientasse o leitor e oferecesse ao escritor sugestões positivas, como a que escreveu sobre *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, no periódico *O Cruzeiro*, em 16 e 30 de abril de 1878. Na crítica em questão, o autor orienta, de certa forma, as leituras do romance queiroziano entre nós, além de nos apresentar como ele visava à criação literária, às idéias estéticas, às discussões sobre estilo, os princípios de arte poética tradicional, ou novos fundamentos de uma teoria literária.

Em 24 de março de 1873, Machado torna público o ensaio *Notícia da Atual Literatura - Intinto de Nacionalidade*, aliás, como os outros textos mencionados anteriormente, pertencentes à considerada primeira fase do escritor, conforme a divisão proposta por muitos críticos, que se referem às produções artísticas da fase romântica e, portanto, menos complexas, e às produções de maturidade, consideradas da segunda fase. No entanto, como bem observou Maria Aparecida Junqueira, em seu *Projeto Estético-Literário Machadiano* (2008, p. 153-182), a respeito de *Notícia...*, já em



sua chamada primeira fase, Machado deixa entrever seu desligamento do projeto romântico nacional.

No ensaio, *Instinto de Nacionalidade*, Machado demonstra sua preocupação sobre a literatura brasileira e propõe uma reflexão quanto às necessidades que possuíam os escritores nacionais em ressaltar continuamente a vida brasileira e suas condições como prova e atestado de independência e de originalidade. Por isso, Machado argumenta contra a exclusividade de tais critérios para o processo de criação. Uma vez retirado de cena a superioridade do conteúdo como critério de legitimidade, Machado reivindica autonomia para o plano da relação estabelecida entre ficção e realidade, simbolizadas pela forma estética.

### **Do impressionismo ao biografismo crítico**

Em *História da Literatura Brasileira* (1916), cap. XIX, Veríssimo mescla dados pessoais do autor com elementos literários, para justificar o humor e a ironia na obra machadiana. Veríssimo observou que já na primeira fase do romancista, existia uma marca em seus textos, a ironia, que o distinguia dos demais escritores do seu tempo.

“*Histórias da meia-noite* (1870) e *Contos fluminenses* (1873), traziam ressaibos românticos, embora atenuados pelo congênito pessimismo e nativa ironia do autor. Ora o Romantismo não comportava nem a ironia nem o pessimismo, na forma desenganada, risonha e resignada de Machado de Assis. Mas os contos que sucederam imediatamente àqueles, *Papéis Avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Várias Histórias* (1905), muitos deles anteriores a *Brás Cubas*, trazem já evidente o tom deste. Desde, portanto, os anos 70, renunciando ao escasso Romantismo que nele havia, criava Machado de Assis uma maneira nova, muito sua, muito particular e muito distinta e por igual estreme daquela escola e das novas modas literárias. (p.429-430)

O trecho acima, esclarecido por Perrot (2006, p. 24-25) evidencia que a configuração da ironia na ficção machadiana, foi discutida por Veríssimo, não como um procedimento estrutural do texto, mas, como uma expressão da índole do escritor.

### **O salto por cima da sombra**

Em se tratando de *O Alienista*, após um longo período de silêncio por parte da crítica, é possível perceber mudanças qualitativas no discurso crítico, a partir da década de 30.

Depois das resenhas jornalísticas, escritas em 1882, por ocasião da publicação de *Papéis Avulsos*; da quarta conferência intitulada *Machado de Assis*, por Alfredo Pujol (1934) e da dissertação *Psicologia Mórbida na obra de Machado de Assis* (1918), de Luiz Ribeiro do Valle; é possível perceber certo silêncio da crítica com relação a *O Alienista*.

Após esse longo período de mudez, Augusto Meyer publica *Machado de Assis* (1935) e dedica um dos capítulos do seu livro à análise de *O Alienista*. No capítulo intitulado *Na casa verde*, as observações de Augusto Meyer possibilitam a abertura de caminhos para futuras reflexões sobre a metalinguagem, utilizada em *O Alienista*, como recurso irônico, para desconstruir o estilo determinista em voga na literatura, ao mesmo tempo em que desperta novos estudos sobre o arsenal irônico, presença marcante na obra machadiana. Convém ressaltar, que Meyer parece corroborar com Veríssimo, no que se refere às características humorísticas na criação artística machadiana. Para ele, o humor estaria associado a uma forma de “auto-ironia”. (MEYER, 1935, p.83)

Na década de 40, a crítica literária brasileira assinala o embate de dois modelos críticos. De um lado, um modelo representado pelo “homem de letras”, o bacharel, que, sob a forma de resenhas, utilizava o jornal como instrumento necessário para a divulgação de suas críticas. É o caso de Álvaro Lins, Alceu Amoroso Lima, Otto Maria Carpeaux, entre muitos outros.



Por outro lado, surgia o crítico universitário que, ligado à especialização acadêmica, utilizava o livro e a cátedra como propagadores de suas idéias. Um grande exemplo de crítico universitário foi Afrânio Coutinho, que desencadearia uma campanha contra os chamados críticos de rodapé. Recebe o nome de rodapé, por designar o espaço físico ocupado por essa crítica, que às vezes era alternado com as colunas do jornal.

A crítica de rodapé era fundamentada numa espécie de "não-especialização". Não possuía uma linguagem especificamente teórica e oscilava entre a crônica e o noticiário. O espaço reservado à literatura, inicialmente, tinha a finalidade de divulgar autores e obras literárias. Ao crítico-cronista, que tinha o seu lugar nos pés de página ou em colunas de jornais, cabia o papel de orientar e divulgar a cultura aos leitores.

Todavia, com a criação das faculdades de Filosofia de São Paulo, em 1934, e do Rio de Janeiro, em 1938, o crítico de rodapé entra em disputa, diariamente nas páginas dos jornais, com os chamados críticos-scholares. Deste modo, como afirma Flora Sussekind:

(...) se abriria espaço para um outro tipo de critério de avaliação profissional, para uma substituição do jornal pela universidade como "templo da cultura literária" e da figura do crítico enciclopédico e impressionista, com a sua habilidade para a crônica, pela do professor universitário, com seu jargão próprio e uma crença inabalável no papel "modernizador" que poderia exercer no campo dos estudos literários. (1993, p.20)

O final dessa mesma década assinala uma ruptura com o exercício da crítica praticada na época, da qual emergem duas vertentes. De um lado, numa espécie de eterno retorno, "os defensores do impressionismo, do autodidatismo, da review<sup>1</sup> como exibição de estilo, aventura da personalidade". (SUSSEKIND, 1993, p.15). De outro, Afrânio Coutinho, do Rio de Janeiro e Antonio Candido, de São Paulo, especialistas e contestadores da crítica subjetiva, como prática acadêmica.

Com Afrânio Coutinho inicia-se uma mudança nos critérios de avaliação dos textos ficcionais. Trata-se de um momento de transformação da crítica brasileira, sobretudo, quando Coutinho regressa dos Estados Unidos, trazendo um conjunto novo de referências teóricas. Ele compilou textos dispersos da grande tríade da crítica literária brasileira do final do século XIX e início do XX: Silvio Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior.

Em seu *A literatura no Brasil* (1959), Coutinho apresenta uma nova maneira de ver a literatura brasileira. E aponta os elementos para os quais o crítico deveria mirar o seu olhar ao analisar um texto de ficção. Em capítulo exclusivo sobre *Machado de Assis na Literatura Brasileira*, Coutinho aponta os aspectos, dignos de juízo, que deveriam guiar o método crítico e garantir a legitimidade de uma obra. Essa nova maneira de olhar rejeitava o biografismo, o impressionismo e presumia a afirmação de uma autonomia plena dos elementos estéticos. Da geração de críticos praticantes da "crítica estética", apontados por Afrânio Coutinho, destacam-se: Barreto Filho e Eugênio Gomes. (apud SUSSEKIND, 1993, p.22)

Antonio Candido é outro nome de destaque dentro da geração de críticos, que passaram a questionar "o modelo tradicional do homem de letras". (SUSSEKIND, op.cit. p.17). Para o autor, de

---

<sup>1</sup> Segundo o dicionário Houaiss, a palavra é de origem inglesa. Significa resumo e por extensão de sentido: publicação periódica, especializada em resenha e crítica de livros recém-lançados, exposições de arte, peças teatrais etc., além de conter alguns artigos literários políticos etc.



*Literatura e Sociedade* (1985), o elemento social devia ser observado “como fator da própria construção artística”, o que equivale dizer que o social e o estético deveriam ser considerados em relação dialética. Em outro texto, que compõe *Literatura e Cultura de 1900 a 1945* (1970), o crítico paulista chamava a atenção para a importância de se diferenciar o papel do romancista e do sociólogo.

Em artigo polêmico para a época, publicado no jornal *Folha da Manhã*, em 11 de julho de 1943, Candido considera que :

a distinção entre os limites da crítica é uma questão (...) mais cultural do que específica (...). À medida que se vai enriquecendo uma cultura, as suas produções se vão diferenciando; e a atividade crítica, paralelamente, se diferencia também. (apud SUSSEKIND, p.19).

É o que evidenciamos ao selecionar e destacar os apontamentos da crítica que se inscreve a partir da década de 50, como ecos e aprimoramentos das observações feitas por Antonio Candido.

As décadas de 60 a 70 registram a forte presença das estéticas: new-criticism, formalismo, estilística, estruturalismo, lukacsianismo. Essas correntes de pensamento, espécies de truques retóricos, transformaram-se em métodos que eram seguidos à risca por quem os tomava. Destarte, a crítica dessa época apresentava uma característica mecanicista. Muitas análises praticadas sob essa óptica configuravam a frieza da linguagem enciclopédica e reduziam o teor de literalidade da obra. Os autores que optaram por depurar e assimilar de forma crítica os “ismos” dessas vertentes, deixaram uma herança riquíssima para os novos estudos que se seguiram.

Nesse contexto de evolução dos métodos críticos, Luiz da Costa Lima, no ensaio *Duas aproximações ao não como sim* (2004), recupera no pensamento de Augusto de Campos, as teorias do concretismo e conclui que as discussões em torno das formas literárias, não poderiam ser tratadas como frivolidades.

Ao pensar a literatura como forma, Lima produziu um brilhante artigo sobre *O Palimpsesto de Itaguaí* (LIMA, 1991). No texto, o autor faz referência à técnica do discurso rasurado, frequentemente explorado por Machado de Assis, que segundo Lima, consiste em dizer sem deixar vestígios. Em *O Alienista*, esse recurso consistiria à estratégia de distanciamento do narrador, que intentaria marcar a sua impessoalidade, apenas dissimulada, diante dos fatos narrados.

Outro crítico, Haroldo de Campos, incompreendido muitas vezes, pela complexidade de seu pensamento, em *A arte no horizonte do provável* (1977) apresenta a sua razão poética. Em diálogo explícito com Ezra Pound e Roland Barthes, entende a poesia, como uma linguagem carregada de significação, qualidade que faz convergir para elementos da metalinguagem. Campos demonstra o seu questionamento entre os limites da linguagem e da comunicabilidade e não é raro encontrar em suas análises literárias, referências teóricas a lingüistas, como Roman Jakobson.

No artigo, *Arte pobre, tempo de pobreza, poesia menos* (1992), Haroldo observa que a contradição e a ambigüidade em Machado de Assis estão presentes, inicialmente, nos recursos lingüísticos e estilísticos adotados pelo escritor, e o estilo machadiano, feito de “lacunas e reiterações, de eclipse e redundância, de baixa temperatura vocabular e alta temperatura informacional estética” caminharia no sentido oposto de nossa tradição literária, interessada antes numa “poesia mais”.(p.222) A esta, Haroldo contrapõe a “poesia menos”, que teria em Machado seu primeiro representante, num fio que conduziria em seguida a Oswald de Andrade e continuaria com Graciliano, Drummond e João Cabral, chegando em Augusto de Campos e na poesia concreta.



Esse texto de Haroldo de Campos (1992) quando vem a público em 1963, fornece uma discussão sobre os equívocos cometidos por Sílvia Romero, a respeito da apresentação de Machado de Assis. Na tese de Haroldo de Campos, Romero foi o crítico oitocentista que mais próximo esteve de compreender os predicados da prosa machadiana: a fragmentação narrativa; a recusa do discurso grandiloquente; a visão cética do mundo; a desconstrução de sistemas filosóficos; a irônica compreensão da realidade brasileira e o estilo gago que atravessa o texto ziguezagueando.

Dessas proposições, explicitamente arraigadas nas teorias lingüísticas e semióticas, Haroldo de Campos comprova a sua tese, de que o “procedimento menos” na literatura brasileira aparece quando Sílvia Romero denuncia o estilo “gago” de Machado de Assis. Para Romero, a arte de Machado era pobre porque se opunha ao colorido abundante, porque lhe falta a vibração de períodos amplos e fortes, como os de um Coelho Neto, por exemplo. Para o crítico, não há em Machado uma cadência oratória, nem uma riqueza vocabular enquanto “acumulação quantitativa de efeitos”. No entanto, encontramos no texto machadiano uma “alta temperatura informacional estética” muito valorizada enquanto característica literária, e que não foi reconhecida por Sílvia Romero, talvez por sua “cegueira pessoal” em relação à obra e à figura do autor de *O Alienista*.

Ao refletir sobre as escolhas conscientes de recursos estilísticos e lingüísticos, de Machado de Assis, à luz das observações apontadas por Sílvia Romero, Campos reafirma a importância de se lançar um olhar atento para o objeto literário.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva, 1977 [1ª1969]
- [2] \_\_\_\_\_. *Arte pobre, tempo de pobreza, poesia menos*. In: *Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 1992 [1963]
- [3] CANDIDO, Antonio. *Literatura e cultura de 1900a 1945*. São Paulo: ECA, 1970
- [4] \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985. 1 [ed. 1965]
- [5] \_\_\_\_\_. *O método crítico de Sílvia Romero*. São Paulo: EDUSP, 1988.
- [6] CASTELLO, José Aderaldo. *Realidade e Ilusão em Machado de Assis*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969
- [7] COUTINHO, Afrânio. *A filosofia de Machado de Assis e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.
- [8] \_\_\_\_\_. "Ensaio e crônica: *A literatura no Brasil*. Org. Afrânio Coutinho. Vol. 6. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969.
- [9] \_\_\_\_\_. *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Americana, Prolivro, 1974 vol.I
- [10] JUNQUEIRA, Maria Aparecida. *O Projeto Estético-literário machadiano*. In: DUARTE, MARIANO, Ana Sales, Maria Rosa Duarte de Oliveira (orgs.) *Recortes Machadianos*. São Paulo: EDUC, 2008.
- [11] LIMA, Luiz Costa. *Dispersa demanda: Ensaio sobre Literatura e Teoria*. Rio de Janeiro: F.Alves Editora, 1981.
- [12] \_\_\_\_\_. *O palimpsesto de Itaguaí*. In: \_\_\_\_\_. *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. [1976]
- [13] MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar. Vols. I, II e III, 1979



- [14] MEYER, Augusto. *Machado de Assis*. Porto Alegre: Globo, 1935
- [15] PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6ªed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988 [1ª 1936].
- [16] PERROT, Andrea Czarnobay. *Machado de Assis e a ironia: estilo e visão de mundo*. Tese de doutoramento em Literatura Brasileira apresentada em 2006 à UFRS.
- [17] PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1934 [1ª ed. 1917]
- [18] ROCHA, João César de Castro. *O ruído das festas e a fecundidade dos erros: como e por que reler Sílvia Romero*. Rio de Janeiro: Editora Museu da República, 2004. Publicado originalmente em *Revista Tempo Brasileiro* nº 145, [2001]
- [19] ROMERO, Sílvia. *História da literatura brasileira*. Edição comemorativa. Tomo I. Luiz Antonio Barreto (org.). Rio de Janeiro: Imago / Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2001 [1888], p. 119.
- [20] ROMERO, Sílvia. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura*. Campinas : Ed. da UNICAMP, 1992, 1ª ed. 1987.
- [21] SUSSEKIND, Flora. *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- [22] VALLE, Luiz Ribeiro do. *Psychologia Mórbida na obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Typ. Lith. Pimenta de Mello, 1918 [1917]
- [23] VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)* Rio de Janeiro: F. Alves, 1916.

---

<sup>1</sup> Ana Ferreira Silva, mestranda  
Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)  
Literatura e Crítica Literária  
profanaferreira@terra.com.br

<sup>2</sup> Os quatro ensaios críticos referenciados estão organizados em MACHADO de Assis. J.M.Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. Vol. III.